

ESTRATÉGIAS

Reflexos da ruptura na ciência

O resultado favorável à saída do Reino Unido da União Europeia (UE) no plebiscito de 24 de junho causou consternação na comunidade científica britânica. Ainda não se sabe precisamente como a decisão irá afetar a pesquisa no país, mas especialistas alertam que a participação do Reino Unido (Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte) em colaborações científicas com países do bloco será prejudicada. Há incerteza em relação ao Horizonte 2020, o maior programa de apoio à pesquisa e à inovação da Europa, que entrou em vigor em 2007 com um orçamento de € 80 bilhões, ou cerca de R\$ 300 bilhões. Os recursos podem ser disputados por consórcios de países-membros da UE. John Womersley, diretor do UK Science and Technology Facilities Council, disse à revista *Nature* que os cientistas do Reino Unido buscam garantias de que não serão excluídos do Horizonte 2020. “Conheço pesquisadores que acabaram de enviar propostas para o Horizonte 2020”, disse à revista *Science* a bióloga escocesa Anne Glover, conselheira científica-chefe da Comissão Europeia entre 2012 e 2014. “Suponho que podemos continuar esse processo, pelo

menos até a data oficial de saída do bloco”, afirmou. Segundo ela, o saldo da participação do Reino Unido no bloco foi favorável à ciência. Glover menciona os recursos investidos e recebidos no Programa-Quadro 7, que antecedeu o Horizonte 2020. “Contribuímos com € 5,4 bilhões [R\$ 20 bilhões] em sete anos, mas recebemos em torno de € 8,8 bilhões [R\$ 32,7 bilhões].” Cerca de 16% dos recursos das universidades do Reino Unido provêm de órgãos da União Europeia. Há ainda preocupação em relação à mobilidade de pesquisadores. Venki Ramakrishnan, presidente da Royal Society, manifestou-se em um comunicado: “Um dos pontos fortes da pesquisa britânica é sua natureza internacional. Qualquer falha em manter a livre circulação de pessoas e ideias poderia prejudicar a ciência do Reino Unido”.



O premiê britânico David Cameron anunciou sua renúncia após o resultado do plebiscito

A busca de estrelas cadentes

Astrônomos da França lançaram uma iniciativa para monitorar os meteoros que se desintegram ao entrar na atmosfera terrestre, provocando o fenômeno popularmente chamado de “estrela cadente”. Os pesquisadores instalaram 68 câmeras capazes de fazer uma varredura do céu em busca de asteroides, meteoros ou qualquer

outro objeto que possa atingir a Terra. Até o final do ano, serão instaladas mais câmeras pelo país, chegando a cerca de uma centena. “Se amanhã um meteorito cair na França, seremos capazes de saber de onde veio”, disse à revista *Nature* Jérémie Vaubaillon, astrônomo do Observatório de Paris e um dos organizadores do projeto, batizado de Fireball Recovery and InterPlanetary Observation Network (Fripon). Os pesquisadores esperam ampliar o rastreamento das rochas espaciais e, assim, obter novas pistas para estudar o Sistema Solar. Também pretendem recrutar voluntários para ajudar nas buscas por pedaços de meteoritos.

Câmeras foram espalhadas pela França para monitorar meteoros



Sinais de discriminação contra negros

Os Institutos Nacionais de Saúde (NIH), principal organização de fomento à pesquisa médica dos Estados Unidos, vão avaliar se pesquisadores afro-americanos são alvo de discriminação no processo de avaliação de projetos. Dados preliminares indicam que candidatos negros têm 35% menos chance de ter uma solicitação de recursos aprovada do que candidatos brancos. Dirigentes do NIH suspeitam que revisores tendem a dar pontuações mais baixas do que deveriam a projetos encaminhados por afro-americanos.

A hipótese já havia sido levantada em um estudo publicado pela economista Donna Ginther, da Universidade do Kansas, em 2011. Nesse trabalho, observa-se que pesquisadores negros são mais propensos a ter seus pedidos negados para propostas do tipo R01, a linha de financiamento mais antiga dos NIH. Isso, segundo o estudo, desestimularia os cientistas negros a enviar uma segunda proposta. Além desse problema, a participação de negros no processo seletivo já é muito baixa: apenas 1,5%

das propostas R01 vem de cientistas afro-americanos. “Precisamos reduzir esse fosso”, disse à revista *Science* Hannah Valentine, chefe do escritório de diversidade na ciência dos NIH. Em 2014, a instituição lançou iniciativas para ampliar a diversidade entre seus candidatos. Na ocasião, o órgão liberou US\$ 25 milhões, para os cinco anos seguintes, a instituições de pesquisa que se comprometessem a receber um número expressivo de pesquisadores que pertencem a minorias.



Laboratório na Morehouse School of Medicine, em Atlanta, onde trabalha um número expressivo de pesquisadores afro-americanos

Para estudar o mar

Foi inaugurado no dia 11 de julho o Instituto de Estudos Avançados do Mar (IEAMar), uma nova unidade de pesquisa da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São Vicente, no litoral de São Paulo. Uma das missões do instituto é realizar estudos voltados à exploração sustentável dos recursos marinhos e à preservação ambiental, mobilizando cerca de uma centena de pesquisadores de vários *campi* da Unesp de áreas como geologia, oceanografia e gestão dos recursos naturais, além de empresas públicas e privadas. O IEAMar também oferecerá um curso de especialização *lato sensu* em recursos marinhos e um mestrado profissional em gestão marítima, fluvial e portuária. O Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações disponibilizou R\$ 25 milhões ao novo instituto, e a Unesp, R\$ 10 milhões.

Animais impedidos de voar

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC) divulgaram uma carta na qual pedem que a empresa aérea de logística Latam-Cargo reconsidere a decisão de parar de transportar animais utilizados em pesquisas. No documento, a bioquímica Helena Nader e o físico Luiz Davidovich, que presidem a SBPC e a ABC, respectivamente, reafirmam que “o uso de animais de experimentação é de vital importância nas pesquisas das áreas biológicas e da saúde”. A carta ainda lembra que, sem a experimentação animal, não seria possível levar adiante as pesquisas em andamento com os vírus da chikungunya, zika e dengue, por exemplo. Em nota divulgada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 23 de junho, a Latam (originada pela fusão entre a brasileira TAM e a chilena LAN) comunicou que a medida busca reforçar o compromisso da empresa “com o meio ambiente e as espé-



Animal para fins de pesquisa: Latam proíbe transporte em seus aviões

cias que fazem parte dele”. Situações semelhantes foram registradas em vários países, nos quais companhias aéreas cederam a pressões de entidades de defesa dos animais e deixaram de transportar macacos e camundongos que abastecem laboratórios dos Estados Unidos e da Europa. Grandes empresas como a Lufthansa, a British Airways e a Virgin Atlantic há tempos se recusam a transportar animais a serem utilizados em experimentos científicos.